

ASPECTOS DA MENTALIDADE REVOLUCIONÁRIAPRESENTES NA OBRA “A INSTITUIÇÃO DA RELIGIÃO CRISTÃ”, DE JOÃO CALVINO (1509-1564)

Luís Fernando Pessoa Alexandre
Universidade Estadual de Maringá

INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

Em primeiro lugar, o problema de que trata o presente trabalho é o da caracterização da mentalidade revolucionária e suas origens. O ponto de partida para a investigação foi o conjunto da obra do filósofo brasileiro Olavo de Carvalho que, nos últimos anos têm se dedicado à compreensão de tal fenômeno, especialmente ao longo da história do mundo ocidental. Em livros seus, publicados ou republicados nas últimas duas décadas, é possível identificarmos um volumoso manancial de informações, fontes e sugestões de pesquisas que podem vir a ser desenvolvidas por um sem número de pesquisadores das chamadas ciências humanas¹. No caso da História, que é, nesse sentido, uma área privilegiada, as possibilidades de investigação são acrescidas em função do grande número de inovações e debates que se desenvolveram na área desde o início do século passado. Se considerarmos, por exemplo, a série de discussões que se sucederam dentro da disciplina desde finais do século XIX e início do XX, somos levados a pensar que os historiadores talvez sejam os pesquisadores que mais podem arrogar para si mesmos e para o seu ofício, uma posição de importância e de responsabilidade no esclarecimento de tantos problemas que se nos assomam atualmente.

Fato é que, desde o advento de algumas correntes de estudo como a Escola dos Annales, a Escola Austríaca de Economia e de História, as renovações no campo da chamada História Política (enfocada tão criticamente pelos principais luminares dos *Annales*, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1940), por exemplo, os historiadores se

¹ O professor Olavo de Carvalho vem investigando o tema da mentalidade revolucionária há mais de duas décadas e muitos de seus livros, mesmo aqueles que, a princípio não foram escritos com a intenção de explicar, necessariamente o que é a mentalidade revolucionária, sua história e características, trazem um conjunto de investigações a respeito; tais obras são, dentre outras, as que seguem: *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci* (1993), *O Jardim das Aflições, de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil* (1995) e *Maquiavel: ou, a confusão demoníaca* (2011). Embora não sejam obras que tratem diretamente do tema deste trabalho, o qual se encontra na área específica de História Medieval e voltado especificamente para o século XVI, as obras do referido filósofo abrangem praticamente toda a história intelectual do ocidente – pelo menos – e está sustentada por robusta e volumosa bibliografia, na qual pululam obras de historiadores.

encontraram em um campo favorável de observação da realidade pois contaram com uma torrente de possibilidades de abordagens que elevaram as pesquisas historiográficas a níveis de profundidade poucas vezes antes atingido. Por exemplo, embora eu não tenha utilizado as obras do historiador Paul Johnson neste trabalho, é inegável que seus livros têm o poder de nos oferecer praticamente o panorama completo de uma época ou, quiçá, de toda uma civilização; títulos tais como *Intellectuaise Tempos Modernos* e tantos outros, têm o poder de fazer com que consigamos vislumbrar tanto os aspectos gerais como os específicos de cada tempo estudado e com o cuidado de relacioná-lo com o nosso próprio tempo. Num mesmo sentido, assim procede o historiador britânico Niel Ferguson, que parte de inquietações que são específicas do nosso presente e nos remete à uma reflexão de alcance global sobre os mesmos; e o faz em obras de grande interesse – para acadêmicos ou não – como, por exemplo, *Império*. Outros historiadores poderiam ser citados, mas acredito que apenas esses dois nos oferecem a medida de quão rica pode ser a investigação histórica e de quão profícua pode ser a atividade do historiador quando ele se compromete a investigar os problemas do presente à luz de história, a qual, no curso mesmo da investigação, pode nos levar para outros lugares, mais distantes e recuados no tempo do que pudéramos imaginar. A presente pesquisa, cuja “prestação de contas” aqui faço, se alimentou, em grande parte, desse exemplo oferecido por alguns historiadores, mais ou menos atuais, que se lançaram a fazer aquilo que comentava Marc Bloch e, sua clássica obra *Apologia da História: ou, o ofício do historiador*²: um livro de História deve provocar fome em quem o lê, ou seja, deve despertar a vontade de ir sempre mais além daquilo que se conhece a princípio, até porque, como afirma um outro clássico da historiografia, Jacques Le Goff, a História não acabou e, portanto, é um campo em aberto, ontem e hoje.

Do mesmo modo que a História, depois de passar pelos marxistas, positivistas, *annalistes*, estruturalistas, pós-modernos assim como pelo influxo mais recente da chamada História Cultural, ainda conserva o caráter originário de sua incompletude acredito que, por isso mesmo, ela se configura como um convite à investigação da nossa própria realidade e dos problemas com os quais nos deparamos nos dias atuais. Por estar sempre à espera de quem a possa contar, a História se nos apresenta com algo de sedução, de provocação; uma provocação que nos leva a conhecer melhor o mundo em que vivemos. E é justamente pelo fato de ter o poder de

² BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

conservar e ampliar a nossa memória e de fazer com que nos reconheçamos como seres humanos no sentido mais pleno que o termo exige, que podemos conservar e ampliar a nossa inteligência.

A pesquisa que desenvolvi se origina, pois, da percepção de que um trabalho de história contribui para ampliação do sentido de nossas biografias³, da memória de cada um e da memória coletiva (se é assim o posso dizer). Em todo o caso, o trabalho de investigação da mentalidade revolucionária, presente na obra magna do reformador francês João Calvino, se insere nessa percepção de que a história conserva e amplia nossa memória e o fazendo, amplia e preserva também a nossa inteligência e consciência. Os vários debates que ainda neste exato momento ocorrem nos mais diversos meios, desde o meio intelectual francês ao inglês e norte-americano⁴, contribuem constantemente para que os seus propugnadores conservem, além de tudo o mais, a chama do conhecimento e da vontade de mantê-la sempre viva apesar de algumas tentativas em contrário encampadas atualmente por governos e organizações supranacionais que intentam transformá-la noutra coisa. Minha pesquisa sobre alguns dos aspectos da mentalidade revolucionária na vida e na obra de Calvino de orienta basicamente em função disso, ou seja, da necessidade de compreender o passado para que possamos melhor compreender o nosso próprio tempo presente.

Assim, comecei a pesquisa sobre os aspectos da mentalidade revolucionária na vida e na obra do reformador francês João Calvino em função do estímulo da obra do filósofo Olavo de Carvalho, sobretudo o livro *O Jardim das Aflições, de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil*⁵, e da percepção de que os tempos em que vivemos, ou seja, o mundo moderno e/ou contemporâneo, está eivado de uma visão da história (e por que não dizer, do homem e do próprio mundo) que apresenta nítidos contornos revolucionários. Considerando a emergência correntes revolucionárias, sobretudo comunistas, na América Latina das últimas três décadas (no que o Brasil foi pródigo, principalmente por ter iniciado uma nova concepção de poder, de origem gramsciana, que se materializa na chamada Nova República), é possível perceber como que as ideias revolucionárias ganharam terreno no mundo ocidental

³ Olavo de Carvalho, em seu livro *O futuro do Pensamento Brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo*, afirmou, citando o cientista político e filósofo teuto-americano Eric Voegelin, que a história é um processo de auto esclarecimento. Conferir autor e obra: CARVALHO, Olavo de. *O futuro do Pensamento Brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo*. 3ªed. São Paulo: É Realizações, 2007.

⁴ Como comenta em sua obra o historiador francês Roger Chartier: *A História ou a leitura do tempo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

⁵ CARVALHO, Olavo de. *O Jardim das Aflições, de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil*. São Paulo: É Realizações, 2010.

principalmente após a formação dos Estados Nacionais e da divisão da Cristandade⁶ no início do século XVI.

Segundo Olavo de Carvalho, uma revolução é um processo profundo de transformação da sociedade mediante a concentração de poder; havendo transformação social e concentração de poder haverá uma revolução, do contrário, não. A conhecida Revolução Americana (das guerras pela independência das Treze Colônias contra a Coroa Britânica) não poderia, nesse sentido, ser chamada propriamente de revolução porque não aconteceu um rompimento profundo das tradições anglo-saxônicas com a vitória dos *Founding Fathers* nem um processo de concentração de poder (momento político) nas mãos de seus líderes. Boa parte, aliás, das lideranças norte-americanas que tomaram a frente da luta contra os ingleses era composta por fazendeiros, sitiantes, enfim, homens do campo que decidiram, junto com outras lideranças – como os próprios pais fundadores – afastar-se definitivamente do controle inglês.

No caso da Reforma Protestante houve uma peculiaridade: Calvino pode ser chamado de revolucionário, mas Lutero, não. Se o primeiro tentou colocar em prática, na cidade Suíça de Genebra, um conjunto de medidas que visavam à transformação confessional dos seus habitantes mediante a concentração de poderes em suas mãos e de mais algumas lideranças do lugar, Lutero não chegou a tanto, embora tivesse sido o grande protagonista da Reforma em 1517. Chama a atenção, portanto, que o movimento da Reforma não foi unitário propriamente dito – o próprio Lutero não tinha a intenção, num primeiro momento, de se afastar da Igreja Católica -, mas sim, apresentou certas variações que radicam suas origens naqueles movimentos heréticos que pipocam no Ocidente desde finais do século XII.

Não houve pois, unidade, porém, o movimento reformista inaugurado por Calvino conseguiu impor-se na Europa e posteriormente fora dela, como uma unidade de propósitos e com uma visão de mundo que nos leva a fazer uma imagem mesmo do que ele queria para a sua igreja, para os fiéis e para o destino dos cristãos. O elemento revolucionário em sua obra magna, *A Instituição da Religião Cristã* (1559)⁷, está em

⁶ Livro interessante para compreendermos melhor o processo de nascimento e desenvolvimento da Reforma Protestante e a divisão da Cristandade medieval tal como existira até finais do século XV, é a do historiador britânico (de Gales) Christopher Dawson, *A divisão da Cristandade*; cf obra: DAWSON, Christopher. *A divisão da Cristandade: da Reforma Protestante à Era do Iluminismo*. São Paulo: É Realizações, 2014.

⁷ A referência que utilizamos no presente trabalho não é a de 1559, mas sim, a de 2007, levada a cabo pela Editora da Universidade Estadual Paulista, a UNESP; para tanto, conferir CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã*. São Paulo: Editora da UNESP, 2007. Utilizamos apenas o primeiro

propor que grande parte da tradição cristã do Ocidente deve ser revista e/ou transformada e que, a partir daquele momento, ele mesmo, Calvino, deveria se responsabilizar pela tarefa de conduzir uma grande parte da humanidade ao conhecimento verdadeiro do cristianismo. A série de reformas que o francês da cidade de Noyon propôs na cidade de Genebra confirmam, como o mostra a historiografia utilizada no nosso trabalho, o impulso inicial de reformar toda uma religião – se possível, de alto a baixo.

E foi justamente na identificação desse elemento de ruptura/transformação acompanhado com o outro elemento destacado por Olavo de Carvalho - a concentração de poder - que cheguei à conclusão de que as prédicas de Calvino e a visão que ele tinha dele mesmo no processo de reforma da fé cristã, faziam dele um revolucionário; e um não muito distante daqueles que ganharam espaço no Ocidente a partir de finais do século XVIII, quando estoura a Revolução Francesa cujo influxo irrefreável da visão geral iluminista condena não apenas a monarquia e o regime que ela representava, mas, também, a Igreja Católica e as várias denominações protestantes surgidas exatamente na época em que viveu aquele reformador. Calvino escreve com a verve do Estado Moderno, gigante ocidental em franca e inevitável ascensão, como assinalou Bertrand de Jouvenel⁸ em sua obra *O poder: história natural de seu crescimento*. Compreender melhor a vida e a obra do reformador francês sob essa perspectiva é ter uma possibilidade a mais de compreender o nosso próprio tempo, no qual as lideranças políticas e intelectuais acabaram incorporando e adaptando muitos elementos da argumentação teleológica de algumas das correntes mais revolucionárias que espoucaram no seio do próprio cristianismo ocidental, como foi o caso de Calvino.

SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa, como já foi dito no tópico anterior, originou da percepção de que muitos dos discursos políticos e ideológicos da atualidade apresentam relações com os discursos revolucionários de alguns dos grupos religiosos mais radicais dos tempos medievais. Resta evidente para os historiadores que se dedicam à investigação desse problema – do qual meu trabalho é apenas mais um esboço – que a obra de Calvino não

volume da obra por acreditarmos que nele que o autor demonstra de modo mais claro e efetivo as aspectos gerais e específicos de sua visão revolucionária, principalmente em relação à Igreja Católica.

⁸ JOUVENEL, Bertrand de. *O Poder: história natural de seu crescimento*. São Paulo: Peixoto Neto, 2014.

é apenas dele, senão que se integra numa longa tradição de tentativas de reformas da Igreja Católica que começam não exatamente fora dela, mas dentro de seu próprio seio⁹, como foi o caso da série de reformas empreendidas por um papa chamado Gregório VII (1073-1095); no entanto, nada de tão profundo, tão avassalador e revolucionário como acabou acontecendo com a reforma levada a cabo por Calvino. Se ele foi revolucionário foi porque não queria mais a continuidade da Igreja tal como ele se manifestava e, além disso, esposava planos de concentrar quantidade razoável de poder em suas mãos para pôr em prática um conjunto de medidas que pudessem substituí-la por uma *outraeklesia* que recuperasse o sentido do viver cristão dos tempos em que existiu a chamada igreja primitiva – como muitos protestantes passaram a chamar os cristãos que viveram antes da ascensão do imperador Constantino ao poder no Império Romano. Calvino, pois, tinha um plano de ação para substituir a Igreja Católica por outra, que, segundo a sua interpretação da história, estivesse plenamente de acordo com os ensinamentos de Cristo presentes unicamente nas Sagradas Escrituras. O desenvolvimento da pesquisa aconteceu em função dessa realidade que se manifestou no mundo ocidental na primeira metade do século XVI.

Num primeiro momento, fiz uma série de leituras para identificar com mais propriedade o terreno no qual estava pisando. Alguns autores foram imprescindíveis para que eu tomasse conhecimento da época e do horizonte de possibilidades alcançado pelo autor de *A Instituição da Religião Cristã*. A princípio, alguns livros tiveram que ser relidos à luz dos objetivos da pesquisa, dentre os quais, cito *A Civilização do Ocidente Medieval* e *As Raízes Medievais da Europa*¹⁰, ambos do historiador francês e medievalista consagrado no meio acadêmico (e não acadêmico também) francês e internacionalmente¹¹. Com este autor foi possível perceber quais foram os elementos essenciais no processo de formação do Ocidente que até hoje reconhecemos e no qual estamos: Igreja e todo o legado cultural de tronco greco-romano e germânico-céltico; ou seja, três poderosas influências de interpenetrando, acomodando, brigando e se conciliando entre si. Porém, para o medievalista, foi a Igreja o grande condutor cultural dos povos do Ocidente que foi se fazendo medieval à medida que, desde finais do

⁹ Como afirmam alguns historiadores que escreveram obras de caráter mais geral a respeito da formação da ocidente medieval e que foram referências necessárias para a realização deste trabalho, tais como: LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. 2ªed. Lisboa: Estampa, 1995; FRANCO JR., Hilário. *Idade Média: o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1985 e BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.

¹⁰ LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2010.

¹¹ Há historiadores que consideram Jacques Le Goff como um autor clássico. No entanto, ainda não existe unanimidade quanto a isso.

século IV, as estruturas do Império Romano pareciam apresentar seus sinais mais evidentes de fraqueza. Chama a atenção que, na leitura dos livros de Le Goff, embora saibamos que ele enfoca um longo período e que isso naturalmente o leva a englobar uma quase infindável massa de informações e documentos, é possível reconhecer um centro de gerador de liames ao longo das páginas enquanto ele explica, em um curto intervalo de tempo, aspectos reveladores da mentalidade propriamente medieval que se desenrolam (a despeito dos seus próprios representantes) em função das três heranças civilizacionais que com o passar das décadas e séculos tenderão a se fundir e a formar elementos de um imaginário cristão, greco-romano e germânico, que, ao final das contas a síntese do Ocidente medieval.

Outas leituras fundamentais foram as obras dos seguintes historiadores: Thomas Woods Jr.¹², Henri Pirenne¹³, Hilário Franco Jr.¹⁴, Emílio Mitre e Cristina Granda¹⁵, Jérôme Baschet¹⁶, que, no conjunto me possibilitaram enxergar elementos da unidade cultural do Ocidente ao longo de sua formação; e isso foi importante porque sem saber o que se passou antes de que Calvino nascesse e se transformasse no pregador influente e revolucionário no qual acabou se tornando, não seria possível ter nem mesmo uma noção aproximada das instituições e práticas que ele pretende criticar e, se necessário, combater. Por exemplo, como seria possível ter maior clareza a respeito do mundo de Calvino sem conhecer, ao menos, alguns fatores que levaram à sua formação? Tais fatores, como Jacques Le Goff destaca, foram a Igreja as culturas, respectivamente, greco-romana e germânica. Com Thomas Woods Jr. isso fica muito claro logo no início de seu livro (*Como a Igreja Católica construiu a Civilização ocidental*) quando destaca o papel de pedagogos do ocidente que os padres assumiram logo após o desmembramento do Império Romano; no mesmo sentido, o historiador brasileiro Hilário Franco Júnior analisou as contribuições do cristianismo católico (não exatamente com o mesmo espírito do pesquisador norte-americano) para a formação cultural do Ocidente e, assim como Le Goff – que foi seu professor – acredita na síntese Igreja-Roma/Grécia-Germânia na configuração da Civilização do Ocidente Medieval. Diferenças de análises encontrei em Henri Pirenne, não por o autor apresentar outra

¹² WOODS JR., Thomas. *Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental*. São Paulo: Quadrante, 2012.

¹³ PIRENE, Henri. *Maomé e Carlos Magno*. Lisboa: Edições 70, 1970.

¹⁴ FRANCO Jr., Hilário. *Idade Média: o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹⁵ GRANDA, Cristina; MITRE, Emilio. *Las grandes herejías de la Europa Cristiana*. Madrid: Istmo, 1999.

¹⁶ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.

visão, necessariamente, a respeito da formação cristã e germânica do Ocidente, mas por estender esse processo de maturação até a coroação de Carlos Magno no Natal de 800 como imperador dos romanos(primeira vez, depois da queda de Roma, que o título imperial reaparece no Ocidente com força e plenamente em acordo com a visão de mundo cristã).

No curso de minhas leituras fazia destaques no corpo do texto ou, quando o livro não era meu, destacava os pontos que considerava como mais relevantes para a compreensão do problema que animava o meu trabalho; nesse ínterim estabeleci (como já é de praxe há um bom tempo em minhas leituras) o critério de resumir e/ou simplesmente apontar com a caneta ou o lápis as passagens principais, o livro não sendo meu, copiava frases ou parágrafos que poderiam me servir de guia para a composição do conjunto do trabalho e nele, com o rosário de citações maiores ou menores, de breves resumos e demais anotações em caráter de apontamento e reflexão, poderia oferecer certa ordem narrativa já anunciada na imagem geral que formava a respeito da pesquisa.

A leitura e releitura foram constantes, como já disse, e, quanto à fonte (a obra magna de Calvino) me servi apenas do primeiro volume por entender que nele o autor apresentava de modo mais efetivo o fundo revolucionário que anima esta pesquisa. A redação do artigo que recentemente publiquei por ocasião do V Congresso de História da Universidade Estadual de Maringá-CRV em Ivaiporã, foi o resultado recente dessa série de atividades precedentes que, entre leitura, releitura, anotações, reflexões, se compôs a partir da imagem geral do problema, da pessoa e da época a qual este trabalho se dedicou. Basicamente, este artigo é mais uma síntese, dentre outras operadas na pesquisa, sobre um dos problemas mais candentes do mundo contemporâneo: o avanço da mentalidade revolucionária.

PEQUENA NOTA BIOGRÁFICA SOBRE CALVINO

Acredito que o resultado mais evidente da pesquisa foi a constatação de que João Calvino apresentou em sua obra alguns aspectos por demais evidentes daquilo que o filósofo Olavo de Carvalho chamou de mentalidade revolucionária. Tanto na sua obra escrita como ao longo de sua vida em geral uma série de contradições apareceram de modo nítido, como foi observado por um de seus biógrafos – citado e comentado mais adiante – Denis Crouzet. Achei por bem apresentar aqui uma pequena nota biográfica de João Calvino para que tais contradições, dilemas que se manifestaram durante sua

infância e adolescência, possam ser melhor compreendidas quando integradas no plano maior da sua vida enquanto escritor e pregador.

João Calvino nasceu no ano de 1509 na cidade francesa de Noyon, na província da Picardia. Cresceu em um ambiente marcado pelo catolicismo e pela influência do pai, que era advogado e exigia que ele também o fosse. Como nos diz o historiador G.R. Elton, a atmosfera religiosa na qual se formou o futuro reformador era caracterizada por um ar de decadência da Igreja católica tanto no aspecto das doutrinas e das práticas como na própria estrutura física de algumas igrejas e colégios mantidos por elas. Ao contrário do que acontecera na época em que viveram Martinho Lutero e Zuinglio, seus antecessores de uma geração e também grandes reformadores, a época de Calvino tinha como possibilidade o cisma da Igreja no contexto de uma cristandade já marcada pela crise e pela desunião. As heresias estavam cada vez mais fortes e atuantes e nunca antes na história do catolicismo europeu as chances de haver uma crise geral na Igreja de proporções e consequências irreversíveis estiveram tão presente. Como nos diz G.R. Elton:

“A diferencia de lo que loocurrió a Loyola, Calvino no vio poner en tela de juicio, la autoridad de la Iglesia e del Papado cuando sus propias convicciones ya se habían formado. Se fue haciendo hombre en un mundo desunido y en el que, las arrebatadoras victorias de la ‘herejía’ habían terminado por ser un tópico. (ELTON, G.R., 1974, P.249)

Como nos diz Elton, Calvino formou-se em um ambiente cultural e espiritual no qual era comum falar mal da Igreja Católica e da tradição escolástica que encontrava seus estertores em alguns filósofos espanhóis temporões. Não que o fato de João Calvino ter nascido em um ambiente já acostumado com as invectivas feitas contra a Igreja lhes fizesse, naturalmente, inclinar-se para o protestantismo, mas sim, tal ambiente com certeza acabou influenciando o imaginário do futuro reformador e lhe deu a naturalidade da crítica a Igreja e ao catolicismo. Era como se fosse algo próprio da vida e do cotidiano encontrar intelectuais e religiosos que se pusessem em posição terminantemente contrária às posições da Igreja fosse em qualquer questão. O catolicismo que Calvino veio a conhecer, pelo menos o da cidade de Noyon, na província da Picardia, já estava em estado de crise e convivia com os mais ferozes ataques dos protestantes de origem luterana.

Em 1523, com a idade de 14 anos, o pai de Calvino, que era advogado, envia o filho para a Universidade de Paris para estudar teologia. O objetivo do pai era que

Calvino tivesse boa formação geral para que, em um futuro próximo o auxiliasse na resolução dos muitos problemas jurídicos nos quais se envolvia. Muitos jovens eram enviados por seus pais à Universidade de Paris para serem sacerdotes, o que na época era um trabalho visto como muito digno e virtuoso por muitas famílias, principalmente se essas fossem pobres. Apesar da saraivada de críticas que a Igreja Católica recebia dia sim dia não naquela época, para muitos pais e mães, ter filho padre era motivo de júbilo pela honra da profissão em si e pelos recursos e comodidades que com ela o filho e a própria família teriam acesso. Foi o caso de Calvino, que sempre foi obediente ao pai e, pelo o que consta no livro de um dos seus biógrafos, o francês Denis Crouzet¹⁷, nunca quis decepcioná-lo. O mesmo nos diz Elton, afirmando que Calvino procurava sempre fazer a vontade do pai, mesmo que ela não coincidissem com a sua.

A família de Calvino mantinha relações de proximidade com outra família de relativa importância na região da Picardia, os Hangest. Tal família, como nos mostrou Alexandre Ganoczy em seu artigo *La vida de Calvino*¹⁸ estava profundamente carregada da cultura humanística da época. Calvino acabou pegando parte daquela influência humanística a, com ela, formando, pouco a pouco o seu imaginário. Aspectos de tal formação mostram-se presentes em sua obra *A Instituição da Religião Cristã*, principalmente na natureza das críticas que desferiu ao conceito católico de cristianismo e pelo fato de utilizar uma linguagem jurídica para expressar conteúdos de natureza propriamente espiritual.

O fato é que Calvino fora enviado contra a sua vontade para Paris aos 14 anos e lá recebeu parte significativa de sua formação, sendo profundamente influenciado por um sacerdote católico de nome Marthurin Cordier, responsável por ensinar gramática ao jovem de Noyon. O nome da instituição de ensino para a qual Calvino fora enviada era Colégio de *La Marche*, onde permanece até completar 19 anos. Durante os quatro anos (1523-1527) pelos quais passou naquela instituição o jovem da Picardia recebeu estudos de gramática, lógica, metafísica, ética, retórica e ciências. Grande parte da estrutura de ensino elaborada na instituição estava justificada em baluartes do pensamento ocidentais como Aristóteles, Buridan, John Scot, Guilherme de Occam e Santo Tomás de Aquino. Calvino tinha acesso ao que de mais profundo e relevante a cultura ocidental até houvesse elaborado nos mais diversos campos do saber.

¹⁷ CROUZET, Denis. *Calvino: biografia*. Madrid: Ariel, 2001.

¹⁸ GANOCZY, Alexandre. *La vida de Calvino*. IN: CERVANTES-ORTIS, Leopoldo (ed.). *Juan Calvino: su vida y obra a 500 años de su nacimiento*. Barcelona; Clie, 2009.

Em 1528 o pai de Calvino ordenou que o filho abandonasse a futura carreira no campo das letras para dedicar-se aos estudos jurídicos. Na época o futuro reformador contava com 19 anos. Cumprindo a vontade do pai, voltou bruscamente seus interesses intelectuais para a área do direito estudando nas cidades de Orleães e Bourges. Adquiriu especialidade em direito romano embora nunca parecesse ter real interesse e inclinação por tal (ELTON, p.250). Recebeu influências luteranas de Lefèvre d'Étaples, por exemplo, que era um importante nome do pensamento reformado naquele momento. No colégio Real de Orleães ainda aprende grego e hebraico. Em 1531 ele retorna a Paris na condição de aluno, mais uma vez, para estudar em uma nova instituição de ensino superior que futuramente acabaria sendo chamada de *Collège de France* (ELTON, P.251). Pouco tempo depois morre o seu pai.

Ainda em 1531 Calvino publica a sua primeira obra, intitulada *Comentário sobre Sêneca* na qual mostra se mostra um grande filólogo. Entre os anos de 1531 e 1533 ele se destaca entre seus pares por causa de seus dotes incomuns de fala e escrita. Mesmo sendo jovem Calvino demonstrava ter grande capacidade de falar em público e de escrever com correção e elegância. Tais atributos manifestavam-se em sua mocidade com tal intensidade que a admiração que provocava ao falar era notória. Não havia recebido da escolástica a base da sua formação, mas sim, de alguns pensadores da antiguidade, de alguns reformadores e, sobretudo, da Bíblia. Nesta, os escritos que mais lhe chamavam a atenção eram os do apóstolo Paulo, de quem tornou-se profundo admirador.

Convivendo com tais atributos incomuns para um rapaz que estava na casa dos vinte, vinte e cinco anos, apareciam outros traços que o perseguiam desde a infância: uma certa timidez e a facilidade de assustar-se. Era um rapaz “arisco”, como diríamos hoje. Como afirma Elton (p.251) o próprio Calvino via-se a si mesmo como tímido e assustadiço.

Entre 1533 e 1534 acontece o que poderíamos chamar de “conversão” de João Calvino ao protestantismo e a definição de parte de sua obra. Ele pensava ter chegado a um ponto no qual não mais poderia voltar. Não era mais católico e estava convencido disso; também não queria ser mais um protestante da linha de Lutero ou de Zuinglio, do qual procurava manter certa distância. Já alcançara a consciência de sua liderança espiritual. Em 1534, aproximadamente, acontece a conversão de Calvino e a clarividência de sua missão: pensava ter sido escolhido pelo próprio Deus para cumprir

uma grande tarefa entre os homens e que tal tarefa seria definitiva. Estava pronto o imaginário reformado de Calvino aos 25 anos de idade.

A partir daquele momento ele não fala mais como o ser humano Calvino, mas sim, como o enviado de Deus entre os homens para fazer cumprir entre eles a Sua vontade, a qual era a instituição da verdadeira religião cristã que havia sido supostamente corrompida pelos erros da Igreja Católica ao longo do século. A tal propósito ele dedicou toda a sua vida.

A MISSÃO DE RECONSTRUIR O CRISTIANISMO

“Pois ainda que Deus tenha consagrado minha alma ao zelo, tanto da propagação do seu Reino como do serviço para o proveito comum, estou também dignamente cômico de que terei Ele e os seus anjos como testemunhas, desde que recebi o ofício de doutor na Igreja, de a nada mais ter me proposto senão a fazer avançar a Igreja, afiançando a sincera doutrina da piedade” (CALVINO, 2007, p.12)

É certo que Calvino não tinha a intenção de criar uma igreja que levasse seu nome – o que, de fato, não aconteceu – e que, se o termo calvinismo serviu para nomear a corrente protestantes que se lhe seguiu, serviu mais para isso do que para dar nome a alguma congregação. Não houve, com Calvino, o nascimento de uma igreja calvinista, mas sim – podemos dizer - , com o aparecimento de Calvino surgiu também uma corrente calvinista no campo da religião. Logo, igrejas protestantes nasceram com a inspiração calvinista, e não com o nome de calvinistas. Foi o caso da Igreja Presbiteriana da Escócia que, idealizada e fundada pelo discípulo e admirador de Calvino, John Knox, inspirou-se profundamente nos seus ensinamentos para erguê-la naquele país. Knox, um dos pioneiros do protestantismo europeu, era excelente pedagogo e muito do que aprendeu ao longo de sua vida o deve ao mestre de Genebra. Há autores que afirmam que se Calvino lançou as bases do que seria posteriormente chamado de calvinismo na Suíça, John Knox o aperfeiçoou na Escócia.

Pela passagem extraída da sua obra magna *A Instituição da Religião Cristã* (1536) fica claro que o Calvino que se nos mostra aqui diz ter consciência plena de que está trabalhando certamente para o avanço da igreja renovada, a qual, com o tempo e as circunstâncias, se espalhará pela Europa e por outros países do Ocidente como sendo a Igreja calvinista, ou, melhor, de inspiração calvinista. Ademais, Calvino demonstra ter a certeza olímpica de que o próprio Deus o escolheu para regenerar o cristianismo tão

vilipendiado, segundo ele, pelos opróbrios papistas. Estes, os papistas como ele os designa, seriam os responsáveis por fazer desviar do verdadeiro caminho a Igreja que no tempo dos cristãos primitivos era mais fiel às vontades do Senhor.

O fato de Calvino considerar-se a si mesmo como o escolhido por Deus para realizar uma obra certamente de grande envergadura espiritual nos credencia a perguntar de onde foi que ele tirou tal certeza. Poderíamos pensar que, a considerar o histórico de erros cometidos por parte significativa da Igreja Católica entre os anos finais do século XV e os iniciais do século XVI, Calvino imaginasse que nada mais haveria para salvar dentro dela que não fosse o impulso inicial formador do próprio cristianismo. De fato Calvino pensa isso; ele imagina que a Igreja católica comandada pelos papistas havia errado tanto ao longo dos últimos séculos que não restara pedra sobre pedra para que, em um futuro próximo, alguém pensasse em uma reconstrução. Cabia a ele reconstruí-la. Calvino pensa a si mesmo como um sobrevivente em meio ao caos.

Segundo um de seus biógrafos, o historiador francês Denis Crouzet (2001), Calvino passou a ter certeza de que ele havia sido escolhido para reconstruir o cristianismo a partir do ano de 1533, quando, depois de ter passado um tempo estudando em Paris, conhece algumas personalidades que o incentivam a ver-se como um predestinado. Em Genebra, a partir de 1536, por exemplo, quando por lá passa um tempo justamente no período considerado, Calvino acaba sendo quase que obrigado por Guilherme Farel, um líder protestante local, a ficar na cidade e a pregar para a população. Ele teve muito medo de recusar a “proposta” de Farel para ficar por lá principalmente depois que aquele lhe disse que, caso fizesse o contrário, Deus para ele enviaria uma saraivada de castigos e serem sentidos pelo resto de sua existência.

Sobre o encontro que aconteceu entre Calvino e Farel, G.R. Elton nos diz que:

La ciudad había sido reformada hacía poco por Guillermo Farel, que había pertenecido al grupo de Meaux, y que encontrabala tarea excesiva para sus fuerzas. Cuando se enteró de que el autor de las Instituciones estaba en la ciudad, se fue sin pérdida de tiempo al alojamiento de Calvino y le insistió para que se quedara en Ginebra. Calvino, que no tenía deseo alguno de cambiar su vida de intelectual por la de pastor o misionero, manifestó que no reunía condiciones para esa tarea; pero Farel, que era un hombre dado a la retórica colorista, amenazó a su más joven interlocutor, haciendo uso solemne de sus dotes proféticas, con que la maldición de Dios le persiguiría si no aceptaba la carga que el servicio divino le imponía. Calvino cedió;

nuevamente pareció que era ele uma Dios quien le hacía aquella petición.
(ELTON, 1974, p.p.264-265)

Guilherme Farel conhecia a fama de Calvino como excelente pregador e rapaz estudioso. Sabia que o menino poderia render muitos frutos para o Senhor em Genebra. Porém, para que isso acontecesse tal como Farel esperava, Calvino tinha que aceitar a tarefa e, convenhamos, a tarefa que se lhe mostrava não era das menores. Afinal de contas, reconstruir a fé não é para muitos. Em 1536, depois do “encontrão” que teve com Calvino, Farel o convenceu por meio da ameaça de ordem divina que, caso não aceitasse a missão para a qual Deus o havia confiado entre tantos, seu futuro seria miserável e o seria por ter recusado um dom e uma missão a ele confiada por Deus. (ELTON, 1974). Voltar as costas àquilo seria, na perspectiva do reformador Farel, fazê-lo contra o próprio Deus. Calvino dificilmente poderia continuar a resistir durante tanto tempo a tais pressões, haja visto que desde criança se comportara como um rapaz assustado, com medo de ser acusado – sobretudo por seus próprios traumas, como nos explica Crouzet, um de seus biógrafos.

Com o reformador acontece então a segunda possibilidade: ele aquiesce com o seu destino depois de sentir-se ameaçado por Guilherme Farel, por Deus e pela opinião alheia. Afinal, o que diriam dele caso fracassasse em tudo o mais o que viesse a fazer se por acaso a pequena “profecia” de seu colega Farel se cumprisse? O medo do fracasso nos move a todos, é certo. Não foi muito diferente no caso de Calvino. No ano seguinte vem a lume os primeiros esboços do que conheceríamos como *A Instituição da Religião Cristã*. Não por acaso, a obra inteira alterna momentos de exaltação pessoal e de autocondenação da parte de seu autor. Como afirmou Crouzet, as *Institutas* são como uma autobiografia de Calvino, o que nos faz pensar que o conteúdo do que está lá escrito se confunde – e isso é observado por Crouzet – com a história pessoal do próprio Calvino.

Não significa que, por ter concordado com o amigo em pregar na cidade de Genebra, Calvino tivesse certeza total do que estivesse fazendo. Digo isso pelo seguinte: a mudança brusca de posição tomada por Calvino depois de ser ameaçado terrivelmente pela boca de Farel nos diz mais sobre a intenção reformadora de Farel do que sobre a vocação de Calvino. Gustave Farel foi o grande responsável por assustar o “menino” Calvino mais do que ele já o era, como ele mesmo confirma (CROUZET, 2001). Foi Farel quem, sabendo do potencial do pequeno gênio francês fez questão de

chamá-lo para si na condução dos negócios da igreja de Genebra. É claro que Calvino não era nenhum bobo e que, já com vinte e quatro anos de idade tinha conhecido boa parte da Europa estudando de colégio em colégio e já havia lido o que de mais precioso o gênio ocidental produzira: Platão, Aristóteles, Cícero, Santo Agostinho, etc. Não era, digamos, um “amador” em termos intelectuais embora tivesse pouca idade.

Contudo, não se trata de saber se Calvino havia entrado em contato com o que de melhor a civilização ocidental produzira até então, mas sim, e sobretudo, de saber se Calvino tinha realmente noção do que estava fazendo quando decidiu tornar-se reformador depois da “sacudidura” que lhe fora imposta por Farel.

O que importa mais saber aqui neste trabalho é em que medida o reformador francês estava realmente certo do que estava fazendo quando afirmou para Farel, para si e para Deus que aceitaria a empreitada de restituir à religião cristã um valor e um sentido supostamente perdidos.

Parece claro que, ao ameaçar Calvino com tormentas terríveis para a sua vida futura, Farel não estava sendo apenas exagerado em seu fervor religioso; ele sabia o que estava fazendo porque o ambiente genebrino no qual vivia era marcado por tensões religiosas entre católicos e protestantes. Farel vivia naquele ambiente de tensão religiosa.

Genebra, como nos informa o historiador G.R. Elton em seu livro *La Europa de la Reforma, 1517-1559* estava profundamente marcada por lutas entre grupos aristocráticos católicos e protestantes e havia também um certo desgosto da população local para com os religiosos católicos que faziam a vez de administradores da cidade¹⁹.

Segundo o autor, o número de casos de corrupção dentro do clero genebrino fazia corar de vergonha e de raiva os protestantes influenciados pela corrente cristã luterana. Não podiam suportar, segundo nos informa o autor, o ambiente de degenerescência moral no qual parecia chafurdar a cidade. Não era estranho para os protestantes locais acreditarem que a causa mesma do estado de crise da cidade era

¹⁹ Como era comum ao longo de boa parte do período medieval. Parte significativa das cidades do Ocidente Medieval, como escreveu Le Goff, foram administrados por bispos após a desestruturação do Império romano no final do século V. Essa herança prolongou-se até a Genebra dos tempos de Calvino. Para maiores informações, conferir os respectivos autores e obras: LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. 2ªed. Lisboa: Estampa, 1995 (há outra edição, de 2003 e mais resumida, realizada sob os auspícios da Editora da Universidade do Sagrado Coração, da cidade de Bauru, em São Paulo); LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2010; FRANCO JR., Hilário. *Idade Média: o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1985; BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1999; COLLINS, Roger. *La Europa de la Alta Edad Media*. Madrid: Akal, 2000; BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.

provocado pelo histórico de aproximações entre a Igreja católica e os poderes políticos, os príncipes, reis, aristocracia em geral; enfim, os “príncipes deste mundo” como diz a Bíblia. A Genebra do início do século XVI era mais favorável para o aparecimento de novas igrejas reformadas do que para a reconstrução da moral do clero existente.

A sensação de *fin de siècle* que acompanha alguns grupos sociais em determinados momentos de instabilidade histórica tendem ser elaboradas como uma realidade temível que anuncia um momento futuro no qual virá uma restauração da paz e da ordem²⁰. Não era diferente no ambiente genebrino no qual muitos protestantes – e também católicos – chegaram a imaginar que por conta do desbragado estado das instituições e dos costumes locais o próprio Anticristo estava prestes a ser anunciado. Ademais, aumentaram naquele momento os casos de prostituição, furtos, roubos e jogos, o que fazia da cidade um verdadeiro antro de perdição para quem lá quisesse entregar-se à esbórnica ou à pregação protestante. Tal situação é confirmada por G.R. Elton na passagem abaixo:

Por todo esto, laGinebra de la Reforma luchaba denodadamente contra la decadencia. Los pobres de la ciudad carecían con frecuencia de trabajo, y sus ricos mercaderes no eran ni sombra de lo que habían sido en sus tiempos de esplendor. El deterioro de la situación económica parecía manifestarse una creciente falta de sensatez. A las sóbrias transacciones mercantiles había sucedido el juego; las especulaciones comerciales y la incertidumbre general había provocado una especie de desazón e intranquilidad, tanto en la vida pública como en la vida privada. (ELTON, 1974, p.267)

Genebra era um lugar adequado para quem quisesse nela se perder. Guilherme Farel pensou que Calvino poderia nela se encontrar e, lá se encontrando, promovesse a reforma que acabaria com a miséria moral que imperava na urbe suíça.

Farel fazia parte de uma tradição luterana de protesto contra a Igreja Católica e não deixava por menos em suas pregações inflamadas. Martinho Lutero inaugura um tipo de pregação desferido, sobretudo, contra os católicos e a instituição papal, o que é seguido por Calvino; porém, Lutero era mais “estourado” do que Calvino, dizia as coisas com mais paixão e aparente urgência do que o reformador francês. A emotividade do discurso protestante já estava presente no ambiente de convívio de Calvino e ele acabou tirando muitas lições daquela técnica. Em muitos sentidos, a emoção superava os elementos de racionalidade tão caros para os antigos escolásticos,

²⁰ Tal como explica Norman Cohn em seu livro *The pursuit of the millenium* (1999).

vistos por Calvino como referências dispensáveis para aquele que desejasse conhecer o verdadeiro significado do que era o cristianismo.

Calvino é colhido então por um ambiente de intensas transformações na vida local, em Paris, Genebra e no ambiente mais regional (França, Alemanha, Suíça) no qual se desenrolam boa parte dos sucessos da Reforma Protestante. Do mesmo modo, crescendo acostumado a ouvir críticas a Igreja Católica, tendeu a adotar o mesmo discurso quando, em 1533, tomado pelo medo de fracassar na vida, acabou cedendo às ameaças de ordem espiritual feitas pelo homem que o cooptou para o trabalho da Reforma: Guilherme Farel.

Acredito que sob alguns aspectos, não haveria calvinismo se não houvesse um Farel na vida de Calvino. Este não seria o reformador conhecido no qual se tornou se não fosse o medo que o outro lhe pôs.

Farel utilizou as palavras certas na ocasião certa e para a *pessoa certa* com o intento de liderar uma corrente reformista na cidade de Genebra. Utilizou os termos mais próprios de quem acredita estar a serviço de uma missão que certamente ultrapassa em muito a sua condição existencial e a situação dos demais que o circundam. Farel, assim como pensara Calvino, acreditava realmente estar participando de um novo movimento religioso de reforma, diferente dos anteriores embora deles devedor nas invectivas e na estratégia. Ele percebia a si mesmo como um mensageiro da restauração da verdadeira palavra de Deus no seio da santa madre Igreja que, após as seguidas fustigadas reformistas, deixaria de ser chamada de católica em muitas plagas e confirmaria a força da onda protestante.

Farel não se equivocou sobre o papel que a ele cumpria observar e incorporar naquela época de profundas transformações e agitações do espírito e como entendesse sua ação como derivada de uma ação maior e necessária para aqueles idos, não poderia deixar de ver em Calvino um portentoso companheiro de batalhas na guerra espiritual que travar-se-ia entre os justos e os ímpios. De acordo com a tradição cristã ocidental, independentemente desta ser de matiz católica ou protestante, há os justos e os ímpios entre os homens – o que, logicamente, é confirmado nas sagradas escrituras. Os justos, segundo tal perspectiva, ao chegar o dia do Juízo, herdarão o Reino dos Céus, e os ímpios, os maus, serão separados à parte para que tenham a experiência infernal da condenação eterna. Guilherme Farel via-se como justo e sabia que Calvino também assim se via. Do mesmo modo o conhecia por sua eloquência e profunda inteligência esmerada na quietude do trabalho intelectual e tornada pública nos momentos

esfuziantes de pregação. Não seria inoportuno imaginar que Farel compreendesse bem a situação na qual estava o movimento protestante de Genebra e que, para tanto, Calvino poderia servir-lhe magnificamente ao incorporar a missão daquele que deve dar o impulso que falta para uma revolução triunfar. Uma revolução religiosa, como diria Daniel-Rops. Calvino seria o estopim dessa revolução em Genebra.

Calvino cedeu às palavras ameaçadoras de Farel temendo uma condenação futura que certamente recairia sobre ele e, pior, vindo do próprio Deus. Não era bom brincar com o destino.

Agora, saber se ele, Calvino, tinha consciência de onde estava e da natureza da missão a qual havia se proposto, isso já é mais difícil dizer, mesmo que suas afirmações, tão categóricas e fortes, presentes sobretudo em sua obra máxima (A Instituição da Religião Cristã) sugiram uma torrente de certezas que beiram o absoluto.

AS DORES DE CALVINO

Em um primeiro momento pode parecer que Calvino começou o seu trabalho de reforma em Genebra por medo da perdição que lhe era anunciada por Farel. O medo, em si mesmo, seria justo, pois no momento em que ele vivia não era incomum ver as pessoas de cidades maiores ou menores, na França ou na Alemanha, comentarem sobre a necessidade de aparecer logo um homem que lhes pudesse indicar o melhor caminho a seguir já que em muitos lugares a hierarquia católica estava desmoralizada. Representantes de Deus ou “enviados” do Senhor pipocavam de acordo com o tamanho da crise e do desespero, além da ignorância e do medo.

Em uma situação como essa o surgimento de um pregador inteligente e dotado de aparentes virtudes teológicas era um sinal da Providência que aquiescia com os moradores daquela região ou cidade para que eles tivessem na figura do Seu “ajudante” aqui na terra um conforto, uma esperança e a certeza de estarem na presença de um homem que, diferentemente de parte do clero católico, aparentava não estar envolvido com a administração pública, com corrupção financeira ou atos de degradação moral e sexual. Vem justamente daquela época a má fama de alguns papas.

É difícil dizer quando o medo é um bom ou um mau conselheiro. Em todo o caso, Calvino já havia decidido que seria o reformador de que os genebrinos precisavam (inclusive os protestantes). O que, porém, não é possível alcançar em Calvino é a conformidade entre atos e ações na vida cotidiana prática e na vida espiritual/intelectual.

Há várias contradições na vida de Calvino que ele não conseguiu perceber e acredito que a imagem que ele tinha da mãe e do pai o influenciaram poderosamente na formação daquelas.

Ele não aceitava o fato de ter perdido a mãe que tanto o amava quando tinha a idade de seis anos e também não lidava bem com o fato de que o pai, sempre exigente e severo com ele, tivesse se casado com outra mulher tempos depois. Como bem explica Crouzet, Calvino, não conseguindo superar a ausência da mãe e não podendo superar o rigor e a sua suposta “traição” ao desposar outra no lugar da antiga esposa, desenvolveu uma personalidade marcada por extremos de piedade e de violência.

A imagem de ternura que vinha de sua mãe o perseguiu durante a vida inteira. Da adolescência até chegar a vida adulta Calvino formou-se como um jovem arisco e assustadiço, que evitava o contato com outras mulheres assim como os demais divertimentos que eram próprios para os da sua idade. Sem a sensação de proteção que a mãe lhe dera ainda muito jovem e com o profundo desgosto em relação ao pai que teve, ele criou dentro de si um mundo à parte no qual poderia superar todas as suas dores e traumas de uma só vez, bastando para isso que se aprofundasse no trabalho intelectual. A princípio, pelo o que podemos perceber depois de tomar nota de alguns dos momentos pelos quais passou, Calvino se dedicou de tal maneira à vida dos estudos que dela acabou por extrair o sentido mesmo de sua existência e missão na História. É como se o passado de traumas pudesse ser transformado em algo diferente; como se sua própria história começasse a fazer mais sentido ao longo do tempo em que isolou-se do convívio com outras pessoas e assumiu um estilo de vida extremamente rigoroso. O rigor consigo mesmo foi, aliás, um dos fatores que contribuíram para que o futuro reformador expusesse em seus escritos sentenças marcadas pela tinta da severidade e da disciplina, cujas origens e legitimidade viriam – segundo Calvino - , não dele mesmo, mas, sim, de Deus.

Ao chegar à década de 1530 e já tendo uma formação basicamente protestante, ele entendeu pela primeira vez que a solução para superar as dores que o acompanhavam durante toda a sua existência até ali estavam na missão que lhe fora proposta por Guilherme Farel em 1533, ou seja, se ele não aceitasse cumprir a promessa de Deus para os homens aqui na terra, sua vida estaria definitivamente perdida. Se recusasse o trabalho de reformar a religião em Genebra seus tormentos passados seriam atualizados e multiplicados, transmutados em racionalizações, além do fato de correr o sério risco de perder a sua alma para sempre.

O Calvino que começa a reforma em Genebra é um homem que não tem o conhecimento necessário sobre o seu próprio passado e que o teme formidavelmente. Tanto o teme que decide reformular toda uma tradição religiosa como forma não muito consciente de sublimar o seu próprio mundo interior pleno de confusões. Parte importante de seu impulso reformador não vem senão de uma vontade de afastar-se de um passado e de uma condição existencial não bem aceita pelo próprio reformador. A falta de domínio e de conhecimento sobre si mesmo impede que Calvino seja suficientemente claro em sua obra a respeito do que realmente deseja para os cristãos. Denis Crouzet nos mostra aspectos dessa dúvida, tão presente na obra do reformador:

El calvinismo no fue más que la obra de un hombre que quería rechazar al papa de Roma, a sus clérigos, su eclesiología y sus dogmas; se trató primordialmente del resultado de un trabajo sobre sí mismo, de una terapia personal dilatada hasta convertirse en soteriología colectiva, fue algo así como un psicoanálisis invertido, puesto que no descansa en la investigación de los misterios del pasado personal y de su emergencia al estado consciente, sino, antes al contrario, en un rompimiento con el pasado, en un arrojar por entero al abismo un pasado que, justamente, había sido vivido en medio del vacío, del conflicto irreductible entre una imagen poderosa de autoridad destructiva y otra siempre más frágil, informada de amor” (CROUZET, 2001, P.47)

A mente confusa de Calvino o impediu de superar aquela fase em que as crianças e os jovens ainda dependem da aprovação afetiva dos entes queridos e dos amigos. Calvino cresceu com a imagem do amor materno perdido como se fosse uma espada pendendo sobre sua nuca.

A mãe que ele mal conhecera se tornou o bem que ele buscou durante toda a vida de modo tortuoso e contraditório, como afirma Crouzet nas primeiras partes de seu livro. A imagem do pai também lhe pesava muito; no entanto, sua influência se mostrava de modo diferente do da mãe: o símbolo paterno lhe era um peso de fato, era algo realmente negativo.

As recordações que Calvino tem do pai são de revolta e frustração. É como se ele não conseguisse perdôá-lo pelo fato de o ter obrigado a fazer tantas coisas que não queria (como estudar teologia aos 14 anos) e por “trair” sua mãe - mesmo depois de morta - ao desposar outra mulher. A imagem do pai, pois, lhe figura como castigo do destino, assim como lhe pesa igualmente a da mãe. Desta, ele sofre a ausência daquilo que mal pôde ter, e daquele sente a inexistência do amor e do senso de poder e

autoridade que esperava ter recebido. É como se a sua formação enquanto homem não tivesse sido completada.

O primeiro trauma – por conta da morte da mãe - foi transformado em intensa emotividade e o segundo em ímpeto condenatório. Não nos seria difícil alcançar porque razão o discurso protestante calvinista adquiriu a partir de então um tom ardente e finalístico.

A coexistência de duas espadas pesando sobre sua nuca durante a vida tornou-se insustentável. Não seria possível viver daquele modo para sempre, ainda mais considerando que Calvino sempre foi um rapaz obediente e retraído na sua infância e juventude. A solução encontrada por ele não foi outra senão pegar toda a carga de impressões negativas que trazia do pai e da mãe e racionalizá-las em uma luta espiritual na qual ele seria o protagonista.

Sendo maior a importância da missão, maiores seriam as chances de que os sucessos nela obtidos apagassem para sempre os traumas e neuroses que o perseguiram. Já estava tentando fazer isso na época em que se dedicava a estudar os clássicos e a fazer a revisão da história do cristianismo; assumiu o controle da luta quando em 1536 resolveu pregar em Genebra.

Assumiu o controle da luta mas perdeu o controle sobre si mesmo. A falta de controle sobre a própria personalidade e o peso que as lembranças de sua vida familiar faziam incidir sobre os seus ombros acabavam se confundindo com o seu jeito de ser. Denis Crouzet, mais uma vez, nos mostra aspectos da confusão mental na qual esteve imerso Calvino:

Antes de recibir la iluminación divina, antes de inventarse la “vocación” de ser la “boca de Dios”, fue un creyente cogido en medio de una tormenta de deseos contradictorios. Su ser le parecía como flotante y inexistente, inmerso siempre en un estado de conflicto que no le permitía reconocerle a seguir para encontrar a Dios. Después de la conversión, cuando dirigía Ginebra en tiempos de la reforma de la Iglesia, trasladó esta desorientación interiormente sublimada, hacia un mundo exterior al que siempre quería amar y corregir, al que deseaba purgar de un mal tenaz y ofensivo, dispuesto siempre a reaparecer, siempre presente, siempre aborrecible. (CROUZET, 2001, p.18)

Como afirma Denis Crouzet, Calvino sublimou suas angústias mais profundas, as quais, sublimadas por meio de uma inversão ou sobreposição da realidade em que vivia, foram imaginariamente superadas a partir do momento em que ele decidiu encampar o serviço de reforma da Igreja. Calvino, desorientado por causa das dores da

infância, procede a uma espécie de jogo no qual parte de suas lembranças devem ser transformadas em algo diferente, quando não, simplesmente apagadas. Não posso dizer com certeza se Calvino tinha consciência do que estava se passando em sua mente e, ademais, se ele via a si mesmo como responsável pela criação de um esquema de raciocínio que tendia a apartá-lo das memórias que o faziam sofrer; no entanto, como nos confirma Crouzet, foi por esse caminho que o reformador percorreu.

Adiante, Crouzet nos mostra que Calvino vivia em um mundo imaginário e triste:

En la historia de Calvino hubo, por tanto, varias historias. Pero, al comienzo de esta larga búsqueda de identidad, hubo un Calvino que hay que considerar insatisfecho, desgraciado, perdido y solitario, que no encontraba a Dios y que, a no encontrar tampoco a sí mismo, erraba por un mundo imaginario que, a la larga, debió revelarse como infinitamente triste, quizás incluso insostenible, inhabitable. (CROUZET, 2001, P.20)

Tentando buscar a raiz do problema, Crouzet afirma que é possível ir além em nossas investigações sobre as dores e confusões de Calvino:

Es posible ir aún más lejos en esta investigación de los meandros virtuales del inconsciente. El niño Calvino se habría sentido abandonado, desgraciado, traicionado por doquier y trataría de compensar interiormente, por los caminos de la fe, con un afán desmedido, aquella soledad o carencia afectiva, pero castigándose a sí mismo de alguna manera por la ausencia de resolución de conflicto, por el rechazo de cualquier resolución, de cualquier conocimiento, de cualquier seguridad. Había sido un ser desconfiado huyendo de sí mismo en búsqueda permanente de una carencia, considerándose incapaz de distinguir entre el amor y el odio". (Idem, ib.)

AS CRÍTICAS A IGREJA CATÓLICA

Calvino não conseguia dizer para si mesmo qual era a raiz de suas próprias dores e seria muito difícil fazê-lo principalmente depois que já se tornara líder em Genebra - esperado por tanta gente, a começar pelo seu colega e "cooptador" Farel. Reconhecer isso era impossível para um jovem rapaz que já havia se acostumado a transformar a história pessoal em uma espécie de teatro no qual o protagonismo que exercia servia como paliativo para amenizar uma contradição insuportável.

Por essa e por outras razões a obra *A Instituição da Religião Cristã* apresenta quantidade significativa de passagens nas quais Calvino coloca-se a si mesmo em uma condição de heroísmo e santidade que o torna a seus próprios olhos, um homem

superior aos demais, mais dotado de capacidade e pureza do que todos os outros, uma vez que o próprio Deus, segundo ele, o havia escolhido. Logo, os extremos de humildade e orgulho alternam-se de modo a constituir um todo caracterizado com um forte tom de angústia. Passagens como a que reproduzo abaixo expõe de modo mais evidente como Calvino via a si mesmo no quadro da reforma por ele pretendida. Ao fazer menção às críticas que recebera do clero quanto à novidade e ao perigo das suas noções a respeito do cristianismo, o reformador de Noyon foi taxativo:

Para começar, ao chama-la de nova, injuriam de modo veemente a Deus, cuja Sagrada Palavra não merecia ser chamada de novidade. Tenho, por certo, poucas dúvidas de que seja nova para aqueles que tanto o Cristo é novo como o Evangelho é novo, mas os que aprenderam que seja antigo aquele discurso de Paulo, que Jesus Cristo morto por nossos pecados, tenha ressuscitado para a nossa justificação [Rm 4, 25], não encontram nada de novo junto de nós. Que se escondesse durante muito tempo incógnita e insepulta, é um crime da impiedade humana; ao nos ser agora devolvido pela benignidade de Deus, a sua antiguidade deveria ser admitida ao menos por direito pós-límico. Vem da mesma fonte de ignorância que a tomem como duvidosa e incerta. Foi anunciado que o Senhor tenha se queixado, pela palavra de seu profeta, de que o boi conhecesse seu dono, e o jumento, a manjedoura de seu senhor, mas que ele não fosse entendido pelo seu povo [Is 1,3]. Com efeito, dado que escarneçam da incerteza da nossa doutrina, se a deles devesse ser selada com o próprio sangue e pela perda da vida, poder-se-ia observar quantos deles o fariam. Completamente diferente é a nossa confiança, que não teme nem os terrores da morte nem mesmo o próprio tribunal de Deus. (CALVINO, 2007, P.19)

Ao escrever esta passagem em sua obra magna *A Instituição da Religião Cristã* Calvino responde a parte das críticas que o clero da França e o próprio Papado faziam a respeito do que ele estava pensando e fazendo em Genebra. As críticas em geral eram fundamentadas a partir da preocupação que a Igreja Católica, mesmo em crise na França e na Itália daqueles tempos, quanto aos aspectos heréticos do que Calvino dizia e fazia naquela cidade. Calvino, por sua vez, entendia que quando a Igreja o questionava sobre as coisas novas e potencialmente perigosas (para ele mesmo) a respeito do cristianismo e da instituição católica, ela o fazia porque já não cumpria perfeitamente com a sua missão aqui na terra entre os filhos de Deus. Para ele, se um católico o questionasse sobre sua visão particular a respeito da história da Igreja e de sua suposta perdição, ele o faria por ignorância ou por má fé, fosse uma pessoa comum, um intelectual ou o papa. Na verdade, quando ele diz “*Para começar, ao chamá-la de nova, injuriam de modo veemente a Deus, cuja Sagrada Palavra não merecia ser chamada de novidade*” ele não

está respondendo ao que lhe é perguntado realmente, mas ao que ele imagina que lhe foi perguntado. Ademais, Calvino não pensa que alguém o perguntou algo, mas sim, que o acusou e que, tal coisa acontecendo era o próprio Deus que estava a ser ofendido.

Logo, Calvino responde nesta passagem a um personagem que ele criou no teatro de sua mente. Nela, o reformador imagina que todo aquele que questiona o que ele está fazendo é contra a vontade de Deus. Portanto, não me parece crível que Calvino estivesse em condições de responder a alguma crítica ou, simplesmente, um questionamento acerca da natureza de suas reflexões se em sua obra magna ele mesmo faz questão de não responder ao que lhe foi indagado.

E o homem da Picardia faz isso de modo muito particular: quem o questiona não está questionando a Calvino, mas a Deus; quem o critica, não está criticando a Calvino, mas a Deus. Como afirmou várias vezes o seu biógrafo Denis Crouzet, o reformador realmente conseguiu ver a si mesmo como a boca de Nosso Senhor Jesus Cristo entre os mortais pecadores. Não é mais Calvino quem está respondendo às críticas dos católicos às novidades por aqueles apontadas, mas é o próprio Deus quem o está a fazer através de Calvino. Sendo boca de Deus, Calvino acaba emprestando um pouco de seu poder e magnificência. Sente-se um pouco divino justamente no momento em que mais refuta o que chama de ignorância da parte dos inimigos papistas. Temos até a impressão de que ao refutar os romanos Calvino se coloca um pouco no lugar de Deus ou, acaba assim procedendo, tendo consciência disso ou não.

Ele reforça o seu argumento (a suposta refutação) com outra consideração: *“Tenho, por certo, poucas dúvidas de que seja nova para aqueles que tanto o Cristo é novo como o Evangelho é novo, mas os que aprenderam que seja antigo aquele discurso de Paulo, que Jesus Cristo morto por nossos pecados, tenha ressuscitado para a nossa justificação [Rm 4, 25], não encontram nada de novo junto de nós”*. Ou seja, a novidade da pregação de Calvino só é nova para quem mal sabe quem é Jesus Cristo e Sua Palavra: as lideranças católicas da época. Estes, enganando e sendo enganados durante séculos em suas proximidades escusas com as potestades deste mundo desde os tempos da conversão de Constantino no ano de 312, teriam perdido a noção do que é a vida cristã uma vez que a própria Igreja que os nomeia e informa se perdera a partir daquela data. Com qual autoridade, pois, a Igreja católica, representada pelos papistas – como sempre diz Calvino – poderia, na primeira metade do século XVI, dizer para os fiéis onde estava Jesus Cristo e quem Ele era? Indo além, se a missão da Igreja falhara,

o que a estaria sustentando neste mundo senão o próprio diabo, que, na visão de Calvino, poderia usá-la para enganar e fazer perder a muitos?

Não seria estranho pensar que na visão de Calvino os católicos do século XVI estivessem muito mais apartados de Deus do que ele. Ora, se o catolicismo já estava ferido de morte pela sua “contaminação” com as coisas deste mundo (poderes políticos, simonia, concubinato, jogos, suposto sincretismo de ordem pagã, mudança nas Escrituras, enriquecimento com terras e administração de cidades e vilas, etc.) não haveríamos de encontrar mais naquele meio nenhum sinal de verdade, mas sim, fardos de mentiras. Daí o reformador de Noyon dizer que para aqueles para quem são novos o Cristo e os Evangelhos talvez seja nova também a mensagem que ele traz a público.

Do outro lado, ele afirma que os membros do seu grupo sabem do que estão falando e o que está acontecendo pois entendem mais de Bíblia do que os católicos. Sendo parte do povo escolhido para reavivar a Palavra de Deus, Calvino enfoca a si mesmo como conhecedor dos mistérios das Escrituras e estende tal sapiência para aqueles que fazem parte de sua grei: os eleitos.

Adiante, Calvino nos contempla com o que segue: *“Que se escondesse durante muito tempo incógnita e insepulta, é um crime da impiedade humana; ao nos ser agora devolvido pela benignidade de Deus, a sua antiguidade deveria ser admitida ao menos por direito pós-límico”*. Em outras palavras, ele afirma que a Igreja Católica foi a responsável por esconder a verdade das Escrituras dos fiéis durante séculos e que Deus, em sua infinita misericórdia, teria oferecido novamente a humanidade uma chance de conhecê-la e de conhecê-Lo. Tudo através de Calvino, a Sua boca.

A ignorância dos católicos, na visão de Calvino estaria patenteada na seguinte frase: *“Vem da mesma fonte de ignorância que a tomem como duvidosa e incerta”*, e finaliza sua afirmação destilando a certeza de que ele e “seu” povo fazem parte de um seleto grupo de eleitos para oferecer ao mundo inteiro a oportunidade de conhecer a verdadeira religião, o verdadeiro cristianismo. Ele está se vendo como um profeta ao dizer: *“Foi anunciado que o Senhor tenha se queixado, pela palavra de seu profeta, de que o boi conhecesse seu dono, e o jumento, a manjedoura de seu senhor, mas que ele não fosse entendido pelo seu povo [Is 1,3]”*, pois considera que aquilo que está fazendo é exatamente o mesmo que fizeram os profetas da Bíblia. A aproximação direta entre o pregador Calvino e o profeta das Sagradas Escrituras é evidente para mim e acredito, como afirma Crouzet, que no teatro da mente de Calvino ele é quase um contemporâneo de Davi, Salomão, Isaías e outros. Aproximação por curto-circuito entre uma época e

outra, entre um indivíduo e outro, mesmo que a distância temporal entre eles seja de cerca de dois mil anos.

Depois, ele fecha o comentário escrevendo: *“Com efeito, dado que escarneçam da incerteza da nossa doutrina, se a deles devesse ser selada com o próprio sangue e pela perda da vida, poder-se-ia observar quantos deles o fariam. Completamente diferente é a nossa confiança, que não teme nem os terrores da morte nem mesmo o próprio tribunal de Deus”*. Calvino confirma que os “papistas” tiram sarro da sua doutrina dando a entender que ao procederem de tal maneira estão ofendendo ao próprio Deus; depois, duvida que os representantes do catolicismo tivesse a coragem (supostamente a coragem que ele acredita ter) de defenderem o que dizem com a própria vida e, por último, confirma a sua superioridade e a de seu povo asseverando que a sua confiança e a de seus irmãos não titubeia nem diante das tribulações da morte nem diante de Deus.

ASPECTOS REVOLUCIONÁRIOS DA OBRA DE CALVINO

Em algumas de suas aulas²¹ o filósofo Olavo de Carvalho afirmou que João Calvino pode ser considerado como um revolucionário. Para o professor, o fato de o reformador ter se empenhado em estabelecer um sistema de vigilância da fé tal como acabou acontecendo no meio genebrino, fez com que ele assumisse a posição de quem pretende reformar não apenas a tradição cristã, mas, também, o comportamento e a visão de mundo das pessoas. Ademais, o processo de interpretação das Escrituras ao qual procede Calvino o leva a estabelecer rompimentos com a tradição católica e ocidental e, como Olavo explicou em algumas ocasiões, uma revolução ocorre quando há um processo profundo de transformação social mediante a concentração de poder. Nesse sentido a obra de Calvino pode ser considerada como revolucionária, mas o pode desde que consideremos o conceito de revolução desenvolvido pelo filósofo brasileiro que, até o momento, é a única referência – pelo menos no ocidente – que encontramos quanto aos estudos voltados à compreensão do fenômeno da mentalidade revolucionária. A propósito, é importante destacar uma citação do professor em que ele explica clara e didaticamente o que é, de fato, a tal mentalidade revolucionária. Vejamos:

²¹ Nas aulas do Curso On-line de Filosofia por ele criado e mantido até o presente momento, o COF.

A mente revolucionária não é um fenômeno essencialmente político, mas espiritual e psicológico, se bem que seu campo de expressão mais visível seja a ação política.

Para facilitar as coisas, uso as expressões “mente revolucionária” e “mentalidade revolucionária” para distinguir entre o fenômeno histórico concreto, com toda a variedade de suas manifestações, e a característica essencial e permanente que permite apreender a sua unidade ao longo do tempo.

“Mentalidade revolucionária” é o estado de espírito, permanente ou transitório, no qual um indivíduo ou grupo se crê habilitado a remoldar o conjunto da sociedade – senão a natureza humana em geral – por meio da ação política; e acredita que, como agente ou portador de um futuro melhor, está acima de todo julgamento pela humanidade presente ou passada, só tendo satisfações a prestar ao “tribunal da história”. Mas o tribunal da história é, por definição, a própria sociedade futura que esse indivíduo ou grupo diz representar no presente; e, como essa sociedade não pode testemunhar ou julgar senão através desse seu mesmo representante, é claro que este se torna assim, não apenas o único juiz soberano de seus próprios atos, mas o juiz de toda a humanidade, passada, presente ou futura. Habilitado a acusar e condenar todas as leis, instituições, crenças, valores, costumes, ações e obras de todas as épocas sem poder ser por sua vez julgado por nenhuma delas, ele está tão acima da humanidade histórica que não é inexato chama-lo de super-homem. (CARVALHO, 2013, p.186-187)

Podemos identificar aspectos da mentalidade revolucionária na obra de Calvino, como já observei antes. Em algumas passagens as tonalidades marcantes de um discurso de ruptura e contestação, acompanhado de uma promessa salvífica se nos apresentam claramente, tal como nos diz Olavo de Carvalho. Por exemplo:

“Desse modo, por vários séculos pelos quais todos foram submersos em trevas profundas, para este senhor de todo o mundo, os mortais eram mero passatempo e diversão e, tal qual um sardanapalo, degenerava-se e deliciava-se em paz profunda. E o que mais fazer senão rir e se divertir com a tranquila e pacata posse do reino? E, assim, quando a brilhante luz do alto afastou ao longe suas trevas, quando aquele forte perturbou e abalou seu reino, então começou a afastar o torpor e recolher suas armas”. (CALVINO, 2007, p.30)

Calvino acredita que durante séculos a Igreja Católica esteve sob o domínio do inimigo de Deus, satanás. O rei ou “príncipe” deste mundo teria se apossado da outrora “Igreja primitiva” que com o tempo se perdera e dela teria feito sua morada enganando, portanto, a muitos, com os seus sortilégios de “sardanapalo” que se refestela na própria corrupção. Durante séculos teria isso acontecido até que a luz aparecesse e revelasse aos

homens perdidos a verdadeira religião de Cristo. A luz era Calvino e sua obra. Sua vida e seu trabalho se confundem com uma missão divina e dela tomam a autoridade.

Noutra passagem Calvino explica o que significa conhecer a Deus e a que fim se destina o seu conhecimento:

“Eis o que é a pura e autêntica religião, a saber, a fé unida ao verdadeiro temor de Deus, de tal modo que o temor tanto contenha em si a reverência voluntária quanto traga consigo o culto legítimo tal qual é prescrito na Lei.” (Idem, ib. p.42)

A verdadeira fé, em Calvino, implica na observância do princípio da disciplina e da obediência à Lei, uma referência direta às Sagradas Escrituras tal como o reformador as entendia. Para ele, assim como para praticamente todos os reformadores, a única e verdadeira Palavra de Deus era a Bíblia e nada poderia ser considerado como verbo divino desde que não estivesse contido no sagrado livro. Assim, Calvino abre o caminho para o estabelecimento de uma cisão entre cultura e religião, problema que tempos mais tarde se mostraria tão complicado de resolver no mundo ocidental, sobretudo no Brasil atual, no qual, em geral, as pessoas acreditam que existe um verdadeiro abismo entre cultural e “vida prática”.

Propondo-se a escrever sobre a verdadeira religião (tema dominante da obra) Calvino afirma:

“Deve-se também ter em mente que qualquer um que corrompa a pura religião (como necessariamente acontece a todos que se entregam a própria opinião) afasta-se do Deus único. Por certo, dirão que terão algo diverso no espírito, mas o que pretendem ou o que persuadem a si mesmos não vem muito ao caso visto que o Espírito Santo declara que são apóstatas todos os que, em função da obscuridade da sua mente, colocam demônios no lugar de Deus” (CALVINO, 2007, p.63)

Sem perceber que também tem as suas opiniões a respeito de quais são os cultos certos e quais são os errados, ele prossegue na mesma toada criticando aqueles que interpretam as Escrituras segundo a sua própria vontade e entendimento. Para ele, tais cultos são repudiados como “degenerados” pelo Espírito Santo:

“Por essa razão, não é de estranhar que o Espírito Santo repudie como degenerados todos os cultos excogitados pelo arbítrio dos homens, porque a opinião concebida pelos homens nos mistérios celestes, ainda que nem sempre gere uma grande quantidade de erros, é mãe do erro.” (Idem, ib., p.64)

O juízo humano, tal como é apresentado em sua obra *A Instituição da Religião Cristã*, precisa ser moderado, controlado se modo a evitar erros na interpretação da Palavra de Deus e no exercício da Palavra no dia-a-dia do crente verdadeiro. Erros nesse aspecto não apenas corrompem a Bíblia e o seu entendimento, mas, também , levam muitos ao engano e, este, como afirma Calvino, pode ser coletivo. O que dizer, então, da instituição que durante séculos esteve à frente da interpretação das Escrituras e que, segundo Calvino, deixou-se levar pelas relações promíscuas com os poderes deste mundo empobrecendo e encobrendo também, como frutos de seus erros e de sua vontade de poder sobre todos os demais, a Palavra de Deus? A Igreja Católica, nesse aspecto, é o principal alvo da torrente de críticas nascidas dessa fonte revolucionária que foi o reformador francês e, ademais, sua invectiva contra as lideranças por ele chamadas como “papistas”, chega ao ponto de tentar convencer-nos de que elas não devem se encarregar da interpretação da Bíblia:

“Se é assim, que será das míseras consciências que buscam a sólida segurança da vida eterna, se todas as promessas sobre ela se apoiam apenas no juízo humano? Se aceitam tal resposta, não haverão de tremer e se intranquilizar? Ademais, como os ímpios escarnecerão da nossa fé e quantas suspeitas cairão sobre ela se é por mercê dos homens que a Escritura tem uma tão precária autoridade?” (Idem, ib., p.72)

Apenas aqueles que tivessem sido escolhidos pelo Espírito Santo para interpretar as Escrituras de acordo com a vontade de Deus, e não dos homens, poderiam alcançar o verdadeiro sentido da vida cristã; eram escolhidos, selados pelo Espírito Santo em um momento de fragmentação cultural e religiosa na Europa:

“(…) agora que sabemos é que a fé verdadeira é aquela cujo selo o Espírito Santo grava em nosso coração. Uma única razão será suficiente para contentar o leitor dócil e modesto: Isaías promete que todos os filhos da Igreja renovada serão discípulos de Deus [Is 54, 13]. Um privilégio singular que Deus concede aos eleitos, distinguindo-os de todo o gênero humano” (CALVINO, 2007, p.p.75-76)

E o povo de Deus, como é percebido por Calvino em suas admoestações severas, deve seguir, pois, única e exclusivamente aquilo que está contido na Palavra de Deus e que lhes é ensinado através da boca de Calvino. São orgulhosos e entusiastas aqueles que não acreditam no que ele acredita, pois estão se deixando levar por um engano (ou auto-engano) que, em última instância, é provocado pelo suposto monopólio que os católicos têm da interpretação das Escrituras. É como se Calvino se visse a si mesmo

como um novo Moisés conduzindo o pequeno povo eleito pelo deserto da vida em busca da Canaã celestial. Diz ele:

Que dirão esses orgulhosos entusiastas que julgam excelente essa iluminação que, uma vez oprimida e suprimida a palavra de Deus, sem receio e às cegas, acatam seja o que for que concebem mesmo dormindo? A sobriedade dos filhos de Deus deve ser bem outra, pois, como sem o Espírito Santo se veem privados de toda luz da verdade, assim também não ignoram que a Palavra é um instrumento pelo qual o senhor dispensa aos fiéis a iluminação do seu Espírito. E não conhecem outro espírito que não aquele que nos apóstolos habitou e falou por cujos oráculos são frequentemente chamados a audição da Palavra”. (Idem, ib., p.p.89-90)

Se Calvino conhece a pura e verdadeira religião, se diz que a Igreja traiu a sua missão e ao próprio Cristo e, por isso, não deve mais interpretar as Escrituras, se existem cultos que são errados e certos e se o povo que segue Calvino é aquele que foi selado especialmente pelo poder do Espírito Santo, não é difícil imaginar que o pregador de Genebra aquiescesse com a pregação juvenil:

“E ainda: pela boca dos infantes e dos que mamam, tu o firmaste”. Como efeito, afirma que não só no gênero humano se exhibe o claro espelho das obras divinas, mas que também as crianças, ainda quando apegadas ao seio materno, são bastante eloquentes para louvar a glória de Deus, de sorte que seja quase nula a necessidade de outros oradores. Daí, não duvida que suas bocas conduzam ao alto, como se bem instruídas para refutar a demência daqueles que desejariam extinguir o nome de Deus em prol de sua diabólica soberba”. (CALVINO, 2007, p.53)

Afirma o pregador que “seja qual foi a saída que tenham excogitado os filósofos, o crime da queda não dilui que a verdade de Deus tenha sido corrompida por todos” (p.93); se assim o foi, não haveria problemas em colocar crianças para fazerem pregações, já que, se todos os filósofos que tentaram explicar como se faz para reconhecer a verdade e nela viver, erraram. O raciocínio é mais ou menos o seguinte: as crianças são mais puras e inocentes do que os adultos e mesmo os mais sábios dentre eles não conseguiram resolver o problema do qual se ocupa o reformador francês; então, é interessante aproveitar as primícias da pureza infantil como agradável incenso ao Senhor, o qual, segundo a Bíblia, os prometeu o Reino dos Céus.

Por último, chama a atenção o fato de que Calvino, ao considerar toda a mente humana corrupta, não reconhece que ele mesmo é humano e que, portanto, é portado da

corrupção que acusa nos outros, por mais que possam ser considerados como piedosos os seus intentos:

“A mente do homem, como é cheia de soberba e audácia, ousa imaginar um Deus adequado a sua capacidade; como trabalha com a estupidez, está, pois, coberta pela mais grosseira ignorância, concebe a futilidade e um espectro inane no lugar de Deus

(...)

Esta é a origem da idolatria: que os homens não acreditam que Deus está consigo se não se exhibe carnalmente (...).” (Idem, *ib.*, p.102)

Depois de apresentar essa série de passagens, especialmente do primeiro volume da obra *A Instituição da Religião Cristã*, podemos fazer mais alguns comentários sobre os aspectos propriamente revolucionários da mesma e encaminhar algumas conclusões. Em primeiro lugar, Calvino vê-se a si mesmo como escolhido por Deus para restaurar o cristianismo, o qual, segundo ele, havia sido corrompido pelos papistas (lideranças da Igreja Católica); 2) em sua obra ele procede a um rompimento com parte significativa da tradição cristã ao mesmo tempo em que deseja reformá-la²²; 3) afirma que no passado (tanto no mais recente quanto no mais remoto) todos os homens mais inteligentes erraram seus prognósticos a respeito do que é a vida espiritual e como fazer para melhor vivê-la; 4) justifica a sua obra como se fosse o resultado de uma missão que lhe fora imposta por Deus com vistas não apenas à restauração de Sua Palavra mas, também, a consecução de um novo momento na história humana no qual, por meio da ação de Calvino e de outros líderes que viessem a encampar sua luta, uma nova sociedade seria criada e nela haveria mais paz, justiça e ordem do que na sociedade presente na qual ele vive e da qual tanto se ressentia; 5) Toda a argumentação do reformador sustenta-se em função de uma suposta visão de conjunto da história da humanidade que anuncia a chegada ao mundo do próprio Calvino e de sua missão. É o super-homem ao qual Olavo de Carvalho faz referência.

É provável que outros elementos, talvez secundários, perpassem a obra do reformador francês que fez sucesso e foi temido em Genebra. No entanto, acredito que esses cinco pontos caracterizam, se não de modo exato, mas, aproximado, os aspectos mais relevantes da visão revolucionário que Calvino apresentou em sua obra. Digno de nota em toda essa discussão é lembrar o passado do próprio Calvino, tão temido e sublimado por ele mesmo: como fosse imperioso restaurar a própria memória e o seu

²² Não apenas pelas invectivas contra a Igreja e pelas afirmações que faz a respeito da necessidade de se afastar dela e de sua tradição. Calvino pouco conhecia, por sinal, os autores da Escolástica; na verdade os desprezava.

significado, ele procede à sua transformação. Para fugir das dores da infância e juventude, dos traumas que marcaram sua vida sobretudo na relação que teve com a memória da mãe e do pai – como já destaquei anteriormente – e estabelecer um ponto de equilíbrio que lhe pudesse oferecer mais segurança e controle sobre si mesmo, Calvino realiza uma mutação da memória e, também, da consciência: ao invés de tentar entender as razões de seus maiores problemas procedendo a um exame de consciência que o poderia fazer contar a sua verdadeira história para si mesmo, decide o contrário: foge da consciência e de si mesmo²³ e no lugar da identidade confusa e, provavelmente, perdida, constrói um personagem e, de acordo com o roteiro do teatro de sua mente, o teatro no qual o personagem que toma o espaço do homem de carne e osso vive e tem sentido, passa a viver como que determinado por ele. É como se Calvino fugisse de seus maiores problemas criando um mundo paralelo no qual poderia ter o máximo de controle sobre si mesmo, sobre sua própria vida, e o mínimo de culpa e sofrimento. Ao fugir de si mesmo, foge da realidade.

A conversão de Calvino em um personagem do teatro de sua mente foi um dos fenômenos observados por Denis Crouzet em seu livro (já citado) *Calvino: biografía* :

La reconstrucción biográfica, como cualquier otra reconstrucción histórica, es virtual, pero es posible llegar a suponer que el joven Calvino, hasta el imaginario de su conversión, habría ido evolucionando con la repetición del suceso de la desaparición de la madre. Podríamos avanzar que cualquier sentido que hubiera podido conseguir darle a su vida perdía consistencia y finalidad, se deshacía en medio de un gran dilema, el de que, mecánicamente, él mismo se convertía en otro y ese otro se volvía él mismo” (CROUZET, 2001, p.p.24-25)

Crouzet ainda comenta outros aspectos dessa fuga da realidade de Calvino e do medo que o reformador tinha do próprio passado: em muitos aspectos, será que a reforma calvinista não teria sido o resultado da aplicação prática de um conjunto de estratégias que o seu criador formulou para livrar-se do peso da própria história?²⁴:

“No pensó en la restitución de la doctrina del Evangelio con el fin de tratar de impedir que la cristianidad se inclinara, más profundamente y por otro enterro, hacia lo que era la proyección misma de su propio pasado, es decir, hacia el mal de vivir, la disgregación, la incertidumbre, la duda? (Idem, ib., p.82)

²³ Como afirmou seguidas vezes seu biógrafo Denis Crouzet.

²⁴ O que já foi comentado neste trabalho a propósito de outra citação de Crouzet.

É muito provável que os problemas de ordem psicológica de Calvino tenham sido influenciado – até poderosamente – a definição de sua vida religiosa e de sua obra. Crouzet acredita que isso realmente aconteceu e que o calvinismo nasce a partir de uma sensação de medo e de impotência que estava a acompanhar seu fundador desde cedo:

“La experiencialcalviniana de la fe antes de la verdadera fe es la experiencia subjetiva de una inadecuación. No es precisamente un universo de piedad serena el que Calvino ha rechazado o repudiado. Por el contrario, si en el pensamiento calvinista tuvo lugar una crisis calviniana, esta crisis activó un imaginario inquieto, titubeante, vacilante, enloquecido por la sensación de impotencia y, por tanto, de peligro, al borde quizás de una desesperación y un deseo de muerte que fue sublimado en la conversión. En el caso de Calvino tuvo lugar una ruptura de los elementos de seguridad dirigidos a oponerse o a neutralizar la angustia por el más allá”. (Idem, ib., p.46)

O historiador francês Lucien Febvre²⁵ afirmou que o Deus de Calvino era um chefe, o líder máximo de um povo que deveria segui-lo cegamente. Para o eminente historiador (que foi amigo e colega de departamento de Marc Bloch) se há contradições na vida de Calvino, como eu mesmo apontei ao longo do trabalho, teriam sido resolvidas na entrega total a um combate em nome do Altíssimo. E a entrega se faz por completo e o homem nela se envolve até alcançar os recônditos de sua alma: numa época em que se afirmam os estados chamados modernos e começa o movimento do tempo das grandes navegações, Calvino se perfila como soldado de Cristo e, de acordo com a interpretação de Febvre, aquiesce não apenas com a entrega total de si mesmo ao combate à mentira perpetrada pelos católicos, mas, também, com o uso da violência, assim como os revolucionários contemporâneos começaram a fazer. Se a luta, como afirma o historiador francês, era na base do tudo ou nada, matar ou morrer não poderia ser uma questão apenas de escolha: era uma obrigação para com o seu tempo e para com o seu Deus.

A verve revolucionária de Calvino previa o uso da força como necessidade para forçar a restauração da Verdade. Esse seria outro traço revolucionário de sua obra e personalidade. Como destacou Salatiel Palomezo López²⁶, o *crístocentrismo calvinista* se transformou em um ideal para seus seguidores, inclusive os mais imediatos a Calvino, os presbiterianos. A ânsia de recuperar uma tradição de pureza espiritual

²⁵FEBVRE, Lucien. Una puntualización. *Esbozo de un retrato de Juan Calvino*. IN: CERVANTES-ORTIS, Leopoldo (ed.). *Juan calvino: su vida y obra a 500 años de su nacimiento*. Barcelona; Clie, 2009.

²⁶ LÓPEZ, Salatiel Palomezo. *Herencia reformada e búsqueda de raíces*. In: CERVANTES-ORTIS, Leopoldo (ed.). *Juan calvino: su vida y obra a 500 años de su nacimiento*. Barcelona; Clie, 2009.

supostamente perdida por séculos de equívocos cometidos pela Igreja Católica motivou, segundo López, os seguidores de Calvino, os quais – como já destaquei – ao mesmo tempo em que se viam como responsáveis pelo trabalho piedoso de reconstrução do sentido da experiência religiosa verdadeira, incorriam na prática de romper com um poderoso legado de um milênio e meio carregado nos ombros dos católicos. É um dos problemas da Reforma Protestante de uma forma geral: a justificativa de restaurar o verdadeiro cristianismo em nome de uma verdade e de uma pureza que evocam (teoricamente) os tempos dos cristãos primitivos, choca-se com a necessidade de afastar-se da instituição que, como afirmam historiadores como o francês Jacques Le Goff e o norte-americano Thomas Woods Jr., contribuiu decisivamente para a formação da própria Civilização ocidental.

Quando LucienFebvre nos diz que Calvino era um servo de Deus como se fosse o soldado fiel de um nobre ou de um monarca, ele está a nos indicar uma outra contradição presente na vida e na obra daquele: como seria possível promover a Instituição da Religião Cristã se os tempos modernos já haviam chegado e neles, os monarcas passaram a concentrar em suas mãos, como nos explicou Olavo de Carvalho (2010), uma dupla autoridade: a temporal (política) e a espiritual (que até então era da Igreja Católica)?

Para mim parece claro que Calvino não tinha condições de enxergar todo o horizonte de possibilidades que sua época estava a oferecer (o que é muito raro de acontecer), porém, que devemos reconhecer que com o advento do mundo moderno (e do estado moderno) a Reforma Protestante acelerou o processo de perda da autoridade espiritual da Igreja (e do cristianismo) no ocidente e, com isso, acabou, sem querer, fortalecendo o chamado absolutismo europeu, devemos. Isso, porém, Calvino não poderia ver pois, como afirma mais uma vez o professor Olavo de Carvalho em sua obra *O Jardim das Aflições*, um indivíduo só passa a ter melhores condições de compreender para onde o mundo está sendo levado se possui as categorias adequadas para descrevê-lo; e pelo o que me parece até o presente momento, Calvino não tinha condições de fazê-lo porque deixou-se impregnar pelas imagens do combate que criou.

CONCLUSÕES

Antes de tornar-se o reformador que passaria a ser uma das principais referências do mundo protestante na Europa e noutras plagas, Calvino teve de lidar com

profundas dores em seu processo de formação. Em certo sentido, as afirmações que colhemos de autores como Denis Crouzet, um de seus maiores biógrafos, e de G.R. Elton, eminente historiador da Reforma Protestante, nos avalizam a concluir que parte significativa do itinerário percorrido pelo reformador de Genebra esteve cheio de dúvidas e problemas pessoais. As primeiras, que, de certo modo nos ocorrem a todos, foram aqueles que colheram Calvino na infância ao perder a companhia, a instrução e os cuidados da jovem mãe que tanto o amou. Dúvidas quanto ao amor do pai, do qual teve lembranças de dor, cobrança e, segundo nos diz o próprio Crouzet, até de traição (por causa do segundo casamento). Ademais, não poderíamos parar por aí no discorrer sobre algumas das dores e dos percalços, maiores ou menores, que o Calvino da fase infantil e juvenil passou, pois foi necessariamente nas fases anteriores de sua formação que o Calvino reformador recebeu as impressões mais vivas, mais fortes, dos traumas que seriam sublimados na vida adulta. É justamente em função daqueles traumas e, talvez principalmente, por causa da racionalização que ele opera em sua consciência para apaga-los da memória ou transformá-los noutra coisa, que o rapaz de Noyon adquire um comportamento “assustadiço”, como nos disse G.R.Elton e, ademais, extremamente preocupado com a possibilidade do erro, do desvio, próprio e alheio. Em partes, o esforço gigantesco que Calvino faz para superar suas próprias dores ganha ares de revolução pessoal que, posteriormente, já na fase adulta, projeta-se como revolução religiosa com tonalidades de controle social²⁷

Ao mesmo tempo, como afirmaram outros autores como, por exemplo, um dos mais relevantes historiadores da França do século XX, LucienFebvre, Calvino entregou-se de corpo e alma em uma batalha para a qual estava a tudo disposto: daria a vida, se necessário fosse, para conseguir, como nos diz o título de sua obra magna, “instituir” a verdadeira religião cristã (e a verdadeira religião em um sentido universal) entre os homens; como líder de um exército de homens ele sente-se seguro, até mesmo diante de Deus, de quem acredita ser um dos mais justos representantes e soldados entre os demais de sua época. Disciplina, ordem, lei, salvação, castigo, inferno são palavras mais do que sugestivas; elas nos remetem – assim como outras o fazem – a uma realidade de

²⁷MilovanDjilas, dissidente soviético, destacou em seu livro *A Nova Classe: uma análise do sistema comunista* (1957) a importância do legado revolucionário iniciado por Calvino na cidade de Genebra para toda a tradição comunista soviética. No livro, ele comenta que as lideranças soviéticas prestaram muita atenção no que Calvino escreveu e fez quando da época da Reforma, assim como sabiam *de cor* as lições de Sun-Tzu, no seu *A Arte da Guerra*. Para maiores informações, conferir DJILAS, Milovan. *A Nova Classe: uma análise do sistema comunista*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. A primeira publicação aconteceu em 1957.

provação, sufoco, enfrentamento com as forças do mal numa batalha cuja derrota pode estar num pequeno deslize: ao incorporar a sua obra as imagens, realidades e evocações que tais termos nos provocam, Calvino confirma sua intenção de dedicar-se por inteiro ao serviço do Senhor com o propósito da salvação de sua alma e das dos seus irmãos. Os aspectos revolucionários de sua obra convivem com um discurso finalístico, teleológico no qual todos os homens são convocados a participar de uma batalha final, na qual serão definidos os seus destinos diante da historia humana e diante de Deus.

Se a história, como dizia Eric Voegelin²⁸, é um processo de auto-esclarecimento²⁹ e se as ideias – não apenas as políticas, mas, também, as religiosas - , para serem melhor compreendidas, necessitam da história que as antecede, cria, justifica, anima e/ou combate, é mais do que necessário tomar como medida do nosso trabalho aquilo que Marc Bloch³⁰ dizia sobre o trabalho do historiador: é necessário que nos lancemos ao conhecimento do passado com a consciência de que é em função de uma necessidade tão grande quanto é velho o ser humano de saber o que é, de onde veio, o que e *por quê* está fazendo, para onde pode ou deve ir. Para o historiador francês que tornou-se um dos símbolos da pesquisa histórica no século XX – inclusive para autores brasileiros – o conhecimento do passado é o que buscamos para conhecermos melhor no presente e, ao mesmo tempo em que, cômnicos de que vamos ao passado para esclarecer, contemplar e absorver nossa própria história, nos reconhecemos mais plenos de humanidade, porque mais plenos de auto-conhecimento ou, mais uma vez, como afirmava Voegelin, auto-esclarecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASCHE, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.
- BLOCH, Marc. *Apologia do História: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1999
- CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã*. Vol. I. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

²⁸ Como afirma Eric Voegelin em seu livro *A Nova Ciência da Política*, traduzido para o português pela Editora da Universidade de Brasília, em 1982.

²⁹ Olavo de Carvalho faz esse comentário, ao se referir ao cientista político e filósofo Eric Voegelin em seu livro *O futuro do pensamento brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo*.

³⁰ BLOCH, Marc. *A apologia da História: ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

- CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*. 4ªed., revista e muito aumentada. Campinas: Vide Editorial, 2014.
- _____. *Maquiavel, ou a confusão demoníaca*. Campinas: Vide Editorial, 2011.
- _____. *O futuro do pensamento brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo*. 3ªed. São Paulo: É Realizações, 2007.
- _____. *O Jardim das Aflições, de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- _____. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- CERVANTES-ORTIS, Leopoldo (ed.). *Juan Calvino: su vida y obra a 500 años de sunacimiento*. Barcelona; Clie, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CROUZET, Denis. *Calvino*. Madrid: Ariel, 2001.
- DJILAS, Milovan. *A Nova Classe: uma análise do sistema comunista*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- COHN, Norman. *The pursuit of the millenium*. New York: Oxford University Press, 1999.
- COLLINS, Roger. *La Europa de la Alta Edad Media*. Madrid: Akal, 2000.
- DAWSON, Christopher. *A divisão da Cristandade: da Reforma Protestante à Era do Iluminismo*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- ELTON, G.R. *La Europa de la Reforma: 1517-1559*. Madrid: SigloVeintiuno Editores S.A., 1974.
- FALBEL, Nachman. *Heresias medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- GANOCZY, Alexandre. *La vida de Calvino*. IN: CERVANTES-ORTIS, Leopoldo (ed.). *Juan calvino: su vida y obra a 500 años de sunacimiento*. Barcelona; Clie, 2009.
- FEBVRE, Lucien. *Una puntualización. Esbozo de um retrato de Juan Calvino*. In: CERVANTES-ORTIS, Leopoldo (ed.). *Juan calvino: su vida y obra a 500 años de sunacimiento*. Barcelona; Clie, 2009.
- FRANCO JR., Hilário. *Idade Média: o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- JOUVENEL, Bertrand de. *Do Poder: história natural do seu crescimento*. São Paulo: Peixoto Neto, 2014.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. 2ªed. Lisboa: Estampa, 1995.
- _____. *As raízes medievais da Europa*. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2010
- LÓPEZ, Salatiel Palomino. *Herencia reformada y búsqueda de raíces*. In: CERVANTES-ORTIS, Leopoldo (ed.). *Juan calvino: su vida y obra a 500 años de sunacimiento*. Barcelona; Clie, 2009.
- MISES, Ludwig von. *Theory and History: an interpretation of social and economic evolution*. New Haven: Yale University Press, 1957.
- VIEIRA, Paulo Henrique. *Calvino e a educação: a configuração da pedagogia reformada no século XVI*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2008.
- VOEGELIN, Eric. *A Nova Ciência da Política*. Brasília: Editora da UNB, 1982.